

## “Sou um criador de Mundos considera Fred Cãbanze”



## Ministra da Educação Promete Diálogo com Professores para Revitalizar o Ensino no País



### OPINIÕES

#### O Valor da Vida

**50 Anos de Poder e a Indiferença do Povo: O Caminho Difícil de Daniel Chapo**

**Crise sociopolítica em moçambique: Diálogo necessário para reconciliação efectiva e bem social**

#### O AZUL DO ÍNDICO

#### EUA «fecha a torneira» a Moçambique

*A eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016 representou um ponto de inflexão significativo na política internacional. A sua reeleição, agora, consolidada por uma base de apoio fiel e uma plataforma patriótica, reforçou uma postura de distanciamento ao multilateralismo tradicional. Esta breve análise examina as transformações promovidas pela sua liderança na ordem Mundial, analisando mudanças nas alianças globais, nos equilíbrios de poder e nas relações comerciais e diplomáticas de maneira objectiva ...*

## “Sou um criador de Mundos considera Fred Câbanze”



*Nosso convidado de hoje chama-se Fred Câbanze com quem conversamos a cerca das suas aventuras no mundo das Belas Artes em Moçambique e pelo mundo*

### **Afinal quem é Fred?**

Sempre que me colocam essa questão tem me sido difícil dizer quem sou eu. Ainda que seja a pessoa que está a falar consigo neste momento, isso porquê? Porque sou uma pessoa multi facetado é normal numa entrevista por exemplo eu dizer uma coisa e noutra aparecer com outras características por fazer muitas coisas a mesma personalidade, acabo me esquecendo disto e aquilo mas Fred Câbanze, é um chope, natural de Ma-

puto que desde a sua infância tem se apaixonado pelas Belas Artes.

Eu sou um criador de mundos. Seja através das notas de um instrumento, das palavras de um texto dramático, do movimento em cena ou da forma que ganha vida sob minhas mãos de artesão, a Arte é o fio que costura todas as partes de mim.

Nasci numa terra onde os sonhos, muitas vezes, são abafados pela necessidade de sobreviver, mas encontrei na minha curiosidade uma ponte para o impossível. Comecei cedo, ainda criança, a desmontar coisas – relógios, bicicletas, até rádios – para entender como funcionavam. Essa inquietação me levou a me formar em Mecânica

Industrial, onde aprendi a transformar o metal bruto em precisão.

Mas o espírito não se alimenta só de ferramentas. Dentro de mim havia música, e comecei a tocar. Aprendi cada instrumento que podia encontrar, um por um, como quem desvenda segredos antigos. Tornar-me multi-instrumentista não foi uma escolha, foi uma necessidade. Cada som me completava de uma forma única, e eu queria falar a língua de todos eles. Aos poucos, descobri que o palco também era meu lugar. Comecei a actuar, a escrever, a dirigir. Como dramaturgo e encenador, percebi que minha mecânica industrial tinha um paralelo: assim como se ajusta uma máquina para que funcione, eu ajustava as emoções, os movimentos, as palavras de uma peça até que ela pulsasse como um organismo vivo.

Mas a maior Arte de todas, eu aprendi como professor de jogos lúdicos. Ensinar é criar momentos. É fazer com que alguém se descubra através de uma brincadeira, de um exercício, de um instante. Essa troca me ensinou que o Artista não vive só para si. Ele vive para o outro, para o impacto que sua obra causa na vida de quem o encontra.

A minha formação formal parou na 12ª classe, mas minha formação real nunca termina. Cada nova experiência, cada pessoa que conheço, cada desafio que enfrento, é uma nova escola. A vida, para mim, é o palco mais vasto e o ateliê mais rico.

Ser multifacetado não é sobre acumular títulos ou habilidades. É sobre olhar para o mundo com olhos que nunca se cansam de aprender, mãos que nunca se recusam a criar e um coração que encontra Arte em cada detalhe. É essa visão que carrego comigo, seja na música, no teatro, na sala de aula, na oficina ou no banco de uma praça, onde a vida também ensina suas lições mais profundas.

Sou artista porque não sei ser outra coisa. E tudo o que faço, seja uma melodia ou uma peça de metal, é um reflexo desse amor por transformar o simples em extraordinário.

Na idade jovem por exemplo vinha copiando versos, prosa e os meus irmãos procuravam saber porque eu gastava muito tempo copiando obras dos outros, vinha bebendo aquilo sem me aperceber e perdi muito tempo porque nos livros que ia vasculhando com tempo encontrava algo com quem me identificava, mas lá está, afinal estava a ser cozinhado e não me apercebia com o andar do tempo ia rabiscando uma coisa aqui e ali.

Chegou uma altura em que sai da garagem foi quando conheci grupos como Mutxeco, que foi o primeiro grupo de Teatro, no Bairro Patrice Lumumba. Mas lá só estava como assistente nunca houve espaço para estar a representar então foi aí que nasceu o bichinho pelo Teatro, mas como Actor e Dramaturgo isso veio mais tarde em outros grupos com Mbhalele-Mbhalele com o qual tenho participado em festivais de teatro e tenho feito muitos trabalhos.

Trabalhei longamente com Paulo Guambe, político barbaramente assassinado, no pós eleitoral em 2024 ao serviço do Partido PODEMOS, que foi um grande homem das Artes Performativas.

Fred podemos encontrar a tocar vários instrumentos como autodidata, servindo-se do enorme aprendizado que teve nos teclados, sob os cuidados de Filipe Nhassavele. Mas na praça sou mais conhecido como executor de guitarra, viola baixo.

Para mim na altura foi fácil aprender a tocar teclado porque tinha um, oferecido por alguém que havia trabalhado na Alemanha na altura, isso contribui bastante para aperfeiçoar, mas quando perdi o teclado, comecei a praticar a guitarra, adquirida na Africa do sul, e acabei engrenando e tenho acompanhado diversos grupos. Com uma bateria cedida por padres, aprendi a tocar diversos ritmos.

Não me considero um artesão, embora os donos do ofício, muito admirem minhas criações, tanto é que, há mais de quinze anos que não compro chinelos, porque produzi quatro pares, que ainda existem. Pessoas com bom gosto e preferência por coisa exclusiva,



aparecem a mostrar interesse em adquirir minhas peças, mas porque a qualidade deve ser paga, acabamos ficando na vontade; eu, de produzir, e ele de poder ter. Tenho trabalhado com pintura e desenho em camisetas, também como autodidata, faço costura. Bastou ter uma máquina que a minha irmã ofereceu-me. E com ela tenho apostado em trabalhar a capulana.

Para dizer que o talento existe, daí que as pessoas se perguntam “porque Deus deu tanto talento a mesma pessoa”, porém, eu acredito que tenho capacidade para muito mais. Certo dia, um homem de Deus, revelou-me que do cem por cento de criatividade que Deus nos deu, nós nem exploramos cinco por cento. Pode ser que não alcance nem a metade, mas nada me impede a tentar.

### Desafios para expor a arte

O artista, sobretudo o genuíno, é marginalizado, ser artista em Moçambique é um acto de resistência, se ex-

istimos ainda e, se fazemos questão de aparecer e nos firmamos naquilo que amamos, é só porque não escolhemos a Arte, ela impoe-se em nós. Não temos espaço nenhum, e nossos projectos, por vezes são barrados por fulanos que pouco entendem Arte.

Estamos conscientes que em locais onde se apresentavam manifestações culturais tem sido comercializado para as igrejas por exemplo como forma de limitar as produções artísticas, mas sempre encontramos qualquer brecha para passar a mensagem.

### Características que devia ter o líder da Educação e Cultura

O problema pouco tem haver com a pessoa no topo das coisas mais sim, o sistema em si constitui um problema, porque ainda que coloquemos a pessoa certa, ele será ofuscado, independentemente da bagagem que tiver. A título de exemplo, o Jomalu, o que trouxe de diferente? O país precisa de uma limpeza geral, desde a base.

### O que achas que devia ser feito para devolver a nossa identidade?

Voltarmos a ser moçambicanos. É estranho que nós é que somos os primeiros a tirar valor à tudo o que ao estrangeiro maravilha. E nós temos tendências à ser tudo, menos moçambicanos.

O país tem uma diversidade rítmica, que se fizéssemos o devido uso, espaço não haveria, para reinventar a mesmice ou ocidentalizar tudo, com intenção de furar a fronteira. O que a nova geração apresenta como novo, uma invenção, de novo só têm o nome e uma tendência artificial.

Temos que colocar nos ministérios as pessoas certas, o nosso sistema está muito viciado, o nosso sistema nada faz para além de encher os bolsos. Tem havido varias iniciativas, mas não fluem, se alguém que traz ideias inovadoras é considerado persona non grata, não é bem-vindo. Note que o número de desempregados acaba aumentando porque mesmo quem sabe

fazer algo que podia se reverter em dinheiro, é reduzido à inútil.

A musica, dança e teatro... são meios de educação cívica. Com uma importância que por vezes, supera a instrução formal. Há livros de Mia Couto, que só foram entendidos dramatizados.

Tive algumas formações lecionadas no CCFM, como teatro da máscara, na direcção de Frédéric Tessier e mímica, por Laurent Decol, o aluno indisciplinado do melhor mímico do mundo, Marcel Marceau.

Num universo de 36 actores, concorrendo à duas vagas, disponíveis no casting, nas duas vertentes, logrei-me como um dos classificados. Mas porque até mesmo os estrangeiros, quando afectos em Moçambique, tornam-se nossos, as actuações nacionais, foram um sucesso, mas as internacionais não foram possíveis, justamente por situações, que só nós os moçambicanos bem sabemos.

## Ministra da Educação Promete Diálogo com Professores para Revitalizar o Ensino no País

A declaração da Samaria dos Anjos Tovela, Ministra da Educação e Cultura, ocorre em um momento crítico para a educação no país. Nos últimos anos, os professores têm enfrentado uma série de desafios, incluindo baixas remunerações, falta de recursos didáticos e infraestrutura inadequada nas escolas. Esses problemas têm levado a greves e paralisações, impactando diretamente o aprendizado dos alunos e a qualidade do ensino.

O diálogo proposto pela ministra é visto como uma oportunidade para abordar essas questões de forma construtiva. A criação de um mecanismo de diálogo pode incluir reuniões regulares com representantes dos professores, fóruns de discussão e até mesmo a formação de comitês que envolvam educadores na formulação de políticas educacionais. Essa abordagem participativa é fundamental para garantir que as vozes dos professores sejam ouvidas e que suas preocupações sejam levadas em consideração nas decisões governamen-



tais.

Os professores esperam que esse diálogo resulte em acções concretas. Entre as principais demandas estão a revisão das condições de trabalho, a melhoria das condições salariais e a disponibilização de recursos adequados para o ensino. Além disso, mui-

tos educadores desejam que a ministra priorize a formação contínua e o desenvolvimento profissional, permitindo que eles se actualizem e melhorem suas práticas pedagógicas.

A ministra Tovela também destacou que o objetivo final desse diálogo é contribuir positivamente para o pro-

cesso de ensino e aprendizagem. A educação de qualidade é essencial para o desenvolvimento social e económico do país, e a colaboração entre o governo e os educadores pode levar a inovações e melhorias significativas nas salas de aula. A expectativa é que, ao atender às necessidades dos professores, o governo também beneficie os alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais eficaz e motivador.

O compromisso da Ministra Samaria dos Anjos Tovela em dialogar com os professores é um passo importante para a revitalização do sistema educacional. A criação de um espaço para a comunicação e a colaboração pode não apenas resolver os problemas actuais, mas também estabelecer uma base sólida para o futuro da educação no país. A sociedade aguarda com expectativa os resultados desse diálogo e as mudanças que podem surgir para melhorar a experiência educacional de todos os envolvidos.



## Novo Comandante – Geral da Policia da Republica de Moçambique



O Presidente da República, Daniel Chapo, desafiou, recentemente, o novo Comandante-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), Joaquim Sive, a recuperar a confiança da população na polícia e a incutir disciplina nos seus elementos, visando enfrentar os desafios da sociedade actual.

Joaquim Sive falando na cerimónia de tomada de posse em substituição ao Bernardino Rafael naquele cargo, o Comandante em Chefe das Forças de Defesa e Segurança destacou os desafios nas fileiras da corporação.

*“Os raptos que tiram a paz das famílias, muitas vezes com a cumplicidade de quem devia proteger-nos, são um ultraje que não vamos tolerar (...) vamos enfrentar o crime organizado, o terrorismo e outros crimes conexos, garantindo que a segurança*

*volte a ser uma realidade para todos os moçambicanos”, disse Chapo.*

Em sua despedida, o ex-Comandante-Geral da PRM, Bernardino Rafael, expressou tristeza pela situação deixada na polícia, especialmente devido à destruição causada pelos protestos pós-eleitorais. *“Eu deixo a polícia com instalações destruídas por aquelas manifestações subversivas, deixo a polícia com alguns 187 membros feridos por manifestantes, deixo a polícia com 17 famílias que perderam seus entes-queridos, por manifestantes. Deixo com 77 Comandos Distritais completamente destruídos”,* afirmou Rafael, lamentando o que foi perdido. No entanto, demonstrou otimismo em relação à nova liderança: *“Estou optimista que a nova liderança fará de tudo para recuperar o que foi perdido.”*

## BCI promove a Feira do Livro 2025

O BCI está a promover, até Quinta-feira, 30 de Janeiro, uma Feira do Livro no átrio do seu Edifício Sede, em Maputo. A iniciativa visa oferecer aos colaboradores mais uma oportunidade única de se conectarem com o universo dos livros e de ampliarem os seus horizontes.

A Feira reúne uma variedade de editoras e livrarias que expõem uma gama diversificada de livros, incluindo obras literárias, científicas, dramáticas, de culinária, didácticas, de autoajuda, infanto-juvenis, ciências humanas e exactas, entre outras. Segundo os expositores, os livros mais procurados até o momento têm sido os didácticos e os de ficção, reflectindo o crescente interesse pela educação e pelo entretenimento literário.

Para Antónia Rosa, coordenadora editorial da Inter Escolas Editores, participar nesta feira é uma oportunidade única, especialmente neste período do ano: *“é bastante gratificante termos sido convidados. Para nós, é fundamental estar aqui, mostrarmos o nosso trabalho e apresentarmos a nossa vasta oferta de livros. Sobre tudo neste período de início das aulas,*



*é extremamente útil facilitar a mobilidade de pais, encarregados de educação e amantes de livros em geral”.* Juelma Joarce, da Alcance Editores, também destacou a importância da feira: *“trata-se é uma excelente oportunidade, para nós, mas também para o público. Para nós, porque apresentamos o nosso material bibliográfico fora de portas, e para o público, que encontra bem perto de si os livros do seu interesse”.* Da mesma forma, Riad Figia, da Leya, um grupo editorial multinacional, considerou a feira uma ex-

*periência positiva e fez um convite: “a feira está a ser uma boa experiência. Convidamos mais pessoas a se aproximarem e apreciarem as obras disponíveis”.*

Para Augusto Cumbane, da Livraria Mabuko, a participação na feira tem sido uma experiência enriquecedora, que superou as nossas expectativas. *“Esta é nossa primeira vez aqui no BCI, e está a ser uma extraordinária experiência. Esperamos que os próximos dias haja ainda mais adesão do público e mais oportunidades para os*

*expositores”, disse Cumbane.*

Num evento em que, para além das editoras já mencionadas, estão também presentes instituições como a Livraria Escolar Editora, Livraria Mente Nutrida, Texto Editores e Tipografia Prelo Clássico, o BCI reafirma o seu compromisso com a promoção da cultura e da literatura em Moçambique, utilizando a Feira do Livro como uma plataforma para fomentar a leitura e fortalecer a indústria editorial nacional.



## Decorrem exames de Admissão na UEM

Decorrem exames de admissão na maior e mais antiga universidade no país onde cerca de 25000 candidatos que disputam pouco mais de quatro mil vagas de acesso à UEM. O processo teve como marco temporal de 28 até ao próximo dia 31 de Janeiro, à escala nacional, os exames de admissão à UEM, UniLúrio e UniZambeze. Estão inscritos, na presente edição, cerca de 34500 candidatos, dos quais mais de 25000 disputam 4.610 vagas para o ano lectivo 2025, na UEM.



UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
M O N D L A N E



# EXAMES DE ADMISSÃO 2025



**Para mais informações**  
Consulte os seguintes endereços:  
<https://prereg.uem.mz> ou  
[www.admissao.uem.mz](http://www.admissao.uem.mz)

## 28

Jan./2025 | Terça-feira

|  |                |
|--|----------------|
| Matemática III e Geografia II <sup>1</sup> | 08:00 - 11:00h |
| Matemática III e Desenho <sup>1</sup>      | 08:00 - 11:00h |
| Matemática III e Química II <sup>1</sup>   | 08:00 - 11:00h |
| Português I e História I <sup>1</sup>      | 14:00 - 17:00h |
| Física II e Biologia III <sup>1</sup>      | 14:00 - 17:00h |

## 29

Jan./2025 | Quarta-feira

|  |                |
|--|----------------|
| Matemática I e Física I <sup>1</sup>                       | 08:00 - 11:00h |
| Português III e Inglês <sup>1</sup>                        | 14:00 - 17:00h |
| Português III e Inquérito<br>Sociolinguístico <sup>1</sup> | 14:00 - 17:00h |
| Português III e Biologia II <sup>1</sup>                   | 14:00 - 17:00h |
| Português III e Geografia I <sup>1</sup>                   | 14:00 - 17:00h |
| História II e Geografia I1                                 | 14:00 - 17:00h |

## 30

Jan./2025 | Quinta-feira

|   |                |
|---|----------------|
| Biologia I e Química I <sup>1</sup>       | 08:00 - 11:00h |
| Matemática II e Português II <sup>1</sup> | 14:00 - 17:00h |
| Francês e Português II <sup>1</sup>       | 14:00 - 17:00h |
| Filosofia e Português II <sup>1</sup>     | 14:00 - 17:00h |

## 31

Jan./2025 | Sexta-feira

|   |                 |
|---|-----------------|
| Aptidão Física (Prova Prática)                                      | Provas escritas |
| Música (Prova Escrita <sup>2</sup> e Prova Prática <sup>3</sup> ) e | 08:00-09:30h    |
| Teatro (Prova Escrita <sup>2</sup> e Prova Prática <sup>3</sup> )   |                 |

**NOTA:** Chegar 30 minutos antes da hora do exame

<sup>1</sup> Prova do modelo integrado; <sup>2</sup> Prova do modelo não integrado; <sup>3</sup> Prova com duração não especificada



## A importância de uma gestão eficiente – Convenção SPAR VIP



**“Juntos, vamos crescer ainda mais em 2025!”**

A gestão eficiente no sector do retalho é um dos pilares fundamentais para o crescimento sustentável das empresas, especialmente num mercado dinâmico que lida diariamente com as exigências do consumidor final. Consciente desta realidade, o grupo SPAR realiza anualmente uma convenção global que reúne os proprietários da cadeia para discutir o desempenho da marca e definir estratégias para o futuro.

Com mais de 1.500 participantes de diversas partes do mundo, a convenção aborda temas essenciais como estratégias de marketing, vendas, concorrência e objectivos do grupo SPAR+SAVEMORE. Este ano, o evento

teve como tema *“Time to do More”*, e contou com a participação de Hussein Chalha, CEO do SPAR VIP, como um dos oradores convidados.

Para Hussein, uma gestão eficiente é a chave para oferecer um serviço diferenciado e garantir a satisfação do cliente. *“Empresas como a nossa dependem directamente da experiência do consumidor. Por isso, a dedicação ao cliente é um dos pilares do SPAR VIP. A nossa prioridade é assegurar que os colaboradores compreendam e valorizem a missão da empresa, de forma a oferecerem um atendimento de excelência”*, afirmou.

Outro ponto destacado pelo CEO foi o compromisso da empresa com os

seus colaboradores. *“Implementámos o conceito ‘Orgulho em ser VIP’, que promove formação contínua, incentiva a motivação dos colaboradores e fomenta um ambiente de trabalho saudável. Sabemos que equipas motivadas resultam num melhor atendimento ao cliente e numa operação mais eficiente”*, explicou Chalha.

A inovação também foi apontada como um factor essencial para a competitividade no sector do retalho. *“Estamos num mercado em constante mudança. Uma gestão eficiente permite-nos manter a empresa actualizada e competitiva, adoptando novas práticas e tecnologias para melhorar a experiência de compra e otimizar*

*os processos internos”*, acrescentou.

Para o CEO do SPAR VIP, a oportunidade de partilhar a sua visão e história na convenção global do grupo foi um marco na sua carreira. *“Este reconhecimento é inesquecível. A SPAR deu-me a oportunidade de contar a minha trajectória e o sucesso da nossa equipa a toda a comunidade global da marca. Para mim, o SPAR VIP não é apenas um negócio, é a concretização de um sonho e de uma visão”*, concluiu Hussein Chalha.

O evento reforçou a importância da gestão equilibrada, da valorização dos recursos humanos e da inovação como pilares fundamentais para o sucesso no sector do retalho.





Por: Delso Khosa

## A sede da mudança

A palavra sede é um termo semanticamente polissêmico, pois apresenta literalmente diversos significados. O primeiro significado pode se associar a recurso hídrico, líquido bastante útil para o funcionamento do sistema biológico dos seres humanos, que significa é uma necessidade básica, um bem comum, é um direito fundamental regulado pelos instrumentos jurídicos para garantir uma vida humana condigna. O segundo significado é um espaço central onde se toma *structural injunction/structural reform* para resolver ou eliminar os ilícitos complexos. A *structural reform* juridicamente resulta pela desconformidade das acções predominantemente promovidas pelo sector público, enquanto em ciência política é uma ruptura/renúncia ao pacto social do um Estado “tipo ideal”, na perspectiva weberiana.

A sociedade que clama a mudança da acção governativa talvez certas premissas estagnam na “zona cinzenta” do Thomas Carotters. A primeira premissa sugere que as políticas públicas implementadas não correspondem os anseios da sociedade, porque os decision makers e executadores estão es-

trategicamente menos estruturados e sem competências específicas. As políticas formuladas provavelmente no topo sem consulta/envolvimento dos actores locais (académicos, sociedade, Sociedade civil e sector empresarial) geram caos na governação. A frequência de caos no aparelho estatal pode resultar em “denominadores comuns” como forma de reivindicar os espaços participativos na governação, por um, mas também pode ser uma consequência de um Estado gerido por indivíduos de mentes aparentemente cegas em implementar acções do bem colectivo.

A segunda premissa (des)comunga a percepção de que as políticas públicas implementadas para além de reflectir de forma insignificante na vida quotidiano do cidadão (melhorias de condições básicas) é uma disfarça para gerar a multiplicação do património dos *players* no poder, o que significa há uma distância entre expectativas da sociedade e a gestão governamental. O distanciamento das acções governativas pode gerar a inviabilidade/descredito institucional, gerando uma frustração colectiva na sociedade.

A terceira premissa, nepotismo e cli-

entelismo político é mais forte que a meritocracia, cujo cumprimento dos mecanismos legais que norteiam a imparcialidade, moralidade, transparência, responsabilidade, excelência e visão entra em colapso a favor desta premissa. O nepotismo que significa laços familiares ou biológicos, favoritismo, o que presume que as competências e meritocracia são características irrelevantes em detrimento do laço parentesco. O clientelismo político é um acto de privatização da coisa pública. A privatização da coisa pública torna-se como um mecanismo de controle político através dos actos do regime ditatorial estabelecido em troca de favores e barganhas (troca/compra de votos). Dai que o nepotismo é mais forte no Estado gerido pelas barganhas e favores, consequentemente é uma “terra fértil” para enraizar a corrupção e alto índice de desigualdade social, económica, jurídica, cultural e tecnológica.

Em termos dos feitos destas premissas, primeiro predomina de erosão dos valores da sociedade que vai culminar com a crise de comportamento, atitudes e valores democráticos como por exemplo alto índice de cor-

rupção através de complexidades dos processos burocráticos; segundo há uma alta taxa de marginalização dos pobres, em impedir na participação no espaço político como um direito do exercício da cidadania ; terceiro há um controlo total das liberdades fundamentais dos cidadãos e dos media, o que demonstra menos abertura a opiniões/ideias diferentes; quarto gera um ciclo vicioso entupido de cérebros de “duas faces” para a mudança.

Como as instituições moldam o comportamento do indivíduo geralmente se multiplicam os valores de “inexistência do outro” em substituição do ego. A lepralização destes valores, actualmente no mundo tecnológico, pode encontrar uma resistência a “geração android”, já que o processo de socialização ciberespaço está inundado de valores transplanetário, termo cunhado pelo Iyan Shorty (2002), enquanto Castells (2009) chama de “sociedade em rede”, onde a cultura de partilha de informações nos meios tecnológicos é altamente forte e liberal.

**Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco**



## OPINIÃO

## O AZUL DO ÍNDICO

Afonso Almeida Brandão

## EUA «fecha a torneira» a Moçambique



A eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016 representou um ponto de inflexão significativo na política internacional. A sua reeleição, agora, consolidada por uma base de apoio fiel e uma plataforma patriótica, reforçou uma postura de distanciamento ao multilateralismo tradicional. Esta breve análise examina as transformações promovidas pela sua liderança na ordem Mundial, analisando mudanças nas alianças globais, nos equilíbrios de poder e nas relações comerciais e diplomáticas de maneira objectiva.

Desde a campanha de 2016, Donald Trump, demonstrou uma visão clara de priorizar os interesses americanos acima de compromissos internacionais. A doutrina “América Primeiro” marcou uma mudança em relação à tradição multilateralista, incentivando maior contribuição financeira de aliados e destacando um cepticismo em relação às instituições globais, como a ONU e a OTAN. Um marco dessa abordagem foi a retirada dos Esta-

dos Unidos do Acordo de Paris sobre o Clima, argumentando que este impactava negativamente a economia americana. Tal medida sublinhou a disposição da administração Trump de reavaliar compromissos globais sob a óptica dos interesses nacionais. E também a sua retirada da OMS por considerar que a Europa não esteve à altura de gerir o COVID-19.

Durante o governo Trump, as relações com aliados tradicionais passaram por ajustes significativos. Tarifas comerciais sobre produtos da União Europeia e do Canadá exemplificaram uma abordagem protecionista. Além disso, renegociações de acordos como o NAFTA, que deu lugar ao USMCA, visou beneficiar a Economia americana. No campo Diplomático, houve um aumento no uso de canais públicos, como redes sociais, para comunicar decisões. Isso introduziu um elemento de transparência directa, mas também gerou desafios na previsibilidade das relações internacionais e resultou o «fechar da torneira» financeira à CPLP, com destaque particular

para o nosso País, argumentando que «os EUA não podem pactuar com Eleições Fraudulentas como aquelas que foram verificadas em Moçambique, com a Eleição às Presidenciais de Outubro último, do Candidato Daniel Chapo, em representação do Partido Político da FRELIMO»... (sic). Acaba, assim, de um momento para o outro, num abrir e fechar de olhos, a esperança de Moçambique deixar de poder continuar a contar com “as notas verdinhas” até aqui eram “tão apetecidas e bem-vindas” — e que deixaram de ser! — que o nosso País vinha a receber pontualmente, ao longo dos últimos anos, a título de apoio e doação financeira.

O Governo de Daniel Chapo e de seus “Metralhas” acaba de ficar, por conseguinte, a partir do dia 20 do corrente mês de Janeiro de 2025, “entre a espada e a parede”, numa situação deveras complicada (digamos assim), em termos de ajuda financeira, neste início de nova Governação que se iniciou em Moçambique. Eis um facto grave que vai obrigar o actual Presi-

dente da República Daniel Chapo e do seu elenco de Ministros “fracotes e inexperientes” — politicamente falando, temos de reconhecer — acaba de sofrer e para o qual vai ser necessário urgentemente em encontrar soluções. Mas quais?!...

Ou seja: daqui para a frente Moçambique está “em maus lençóis” e não há “curadeiro à vista” que resolva esta situação aflitiva... — desabafou-nos, com genial ironia, o nosso amigo Jorge Langa. Amém!



Resta a Daniel Chapo rezar por “um milagre”...

Acompanhe-nos a par e passo. Assine no jornal Preto&Branco







Luís Munguambe Jr

## 50 Anos de Poder e a Indiferença do Povo: O Caminho Difícil de Daniel Chapo

Cinco décadas de poder ininterrupto, onde **as promessas de um futuro glorioso** foram sistematicamente enterradas em um abismo de **desilusão e descaso**. O que poderia ser uma história de prosperidade e liberdade para Moçambique tornou-se um **conto de advertência**, uma narrativa onde os sonhos foram tomados e os direitos sufocados pela máquina de um regime que nunca quis realmente ceder o poder. Agora, à frente desse regime, encontramos **Chapo**, um homem que, em sua tentativa de perpetuar o controle, quer **governar com mãos de ferro**, sem remorso e sem qualquer respeito pelo povo que deveria servir.

O governo de **Chapo**, como o de seu predecessor, **New man**, já não é mais apenas uma falha, mas uma catástrofe que assola o país de forma sistemática. O governo de **New man**, conhecido por ser um verdadeiro “**destruidor de tudo**”, não apenas falhou em cumprir promessas mínimas de desenvolvimento, como também **expos o país ao colapso**. Os **recursos naturais**, que deveriam ser o motor de um crescimento sustentável, foram **saqueados e desviados para os cofres de uma elite corrupta**, enquanto o povo continuava a afundar na **pobre-**

**za extrema**. O ciclo de **impunidade** foi alimentado, e a **esperança** foi uma vítima silenciosa desse regime. Mas, ainda assim, a destruição não parou com **New man**.

O pior ainda está por vir. O governo de **Chapo**, ao tentar consolidar seu poder, leva o País a um **novo nível de desgoverno e indiferença**. Não bastasse a destruição trazida pela gestão de **New man**, agora estamos diante de uma realidade ainda mais sombria. Os **trabalhadores públicos**, aqueles que sustentam o aparato estatal, estão vendo seus direitos serem sistematicamente **ignorados**. Não recebem seus salários a tempo, enfrentam cortes em seus benefícios e são tratados como **peças descartáveis** de um sistema que não vê mais valor nas pessoas. O **funcionalismo público**, que deveria ser a espinha dorsal da administração do país, tornou-se uma vítima do **desleixo, da incompetência** e da **corrupção** que caracterizam ambos os governos.

**Chapo**, no entanto, parece se importar pouco com as necessidades básicas de quem trabalha para o Estado. A **saúde**, a **educação** e os **serviços públicos** continuam a ser negligenciados, enquanto ele se foca em **manter o controle absoluto** e **perpetuar sua**

**própria dinastia política**. Ele, como **New man**, não vê a necessidade de investir no povo, na infraestrutura ou no bem-estar da nação. Para eles, **governar é sinônimo de manter um círculo fechado de poder**, onde as necessidades do povo são secundárias e a permanência no cargo é a única prioridade.

A verdade é que, em Moçambique, **não há mais promessas a cumprir**, apenas uma sucessão de **frustrações**. O povo já não acredita mais nas promessas de mudança. Já não acredita em **discursos vazios** que são repetidos todos os anos, enquanto a realidade é uma outra: um país em crise, onde a falta de recursos é agravada pela **corrupção** e pelo **mau uso do poder**. O povo de Moçambique não pede mais palavras. Eles pedem **ação**. Pedem **dignidade**. Pedem **trabalho**. Pedem **justiça**. Mas o que recebem em troca é uma **burocracia** que os ignora e um governo que faz da **força** o único argumento válido.

Os problemas que o país enfrenta **não são novos**. São problemas que se acumulam ao longo de **décadas de desgoverno e traição**. A saúde pública, que deveria ser um direito, é tratada como um luxo para poucos. A **educação**, que deveria ser o alicerce

do desenvolvimento, é um reflexo do fracasso. O País está atolado em **dívidas**, e os moçambicanos continuam a ser tratados como **meras peças** de um tabuleiro de xadrez político, onde os vencedores são sempre os mesmos e os derrotados, o povo, continuam a pagar o preço.

O governo de **Chapo**, ao não corrigir os erros de **New man**, ao não ouvir as demandas da população, está **caçando ainda mais fundo** o buraco em que o País está preso. Governar não pode ser apenas uma questão de **so-brevivência política**. **Governar é uma responsabilidade**, e o que **Chapo** tem feito é transformar essa responsabilidade em uma farsa, onde o povo é tratado com **indiferença e desprezo**. Não há mais espaço para **promessas vazias**. O povo já viu demais. O que está em jogo agora é a **dignidade** de uma nação que já não se reconhece mais no seu próprio governo. O **tempo da paciência acabou**, e o povo moçambicano está a caminho de decidir, com ou sem o consentimento de **Chapo**, o seu destino. A realidade é dura, mas inegável: o **poder não pertence mais ao regime**. Ele pertence ao **povo**, e é hora de Moçambique acordar para essa verdade



Hamba Wakamane

## O Valor da Vida

O Ministério da Saúde, aquele imponente edifício no centro da cidade, que busca tranquilizar a população, destacando o lema: “O nosso maior valor é a vida”, nas campanhas publicitárias, nos cartazes e viaturas.

Para quem passa por ele na correria diária, talvez seja uma frase reconfortante. Um lembrete de que existia

uma instituição que fazia-se acreditar que, atrás das paredes frias e austeras daquele órgão, havia uma preocupação genuína, com a existência humana. No entanto, para aqueles que se aproximavam mais da engrenagem interna do ministério, a mensagem soava cada vez mais vazia. A ironia estava por toda parte, mas ninguém

ousava mencioná-la diretamente — ao menos, não fora dos corredores onde, funcionários exaustos e cínicos sussurravam entre si um segredo incômodo.

Ninguém sabia ao certo, como isso havia acontecido, mas os boatos corriam soltos. Talvez fosse uma questão

de “previsão de mercado”, como disse Dr. Santos, o subdiretor de finanças, com aquele sorriso sarcástico que ele sempre carregava. “Quando a vida não é mais rentável, a morte se torna um excelente negócio”, brincava ele, meio sério, meio debochado. O problema era que, a piada estava se tornando realidade, e muitos começa-



vam a se perguntar: o que realmente está sendo vendido aqui?

Naquela tarde abafada de setembro, o ministério estava cercado de manifestantes. Faixas e cartazes, preenchiam as ruas em frente ao prédio, com mensagens como “Queremos viver, não lucrar com a morte!”, “Saúde não é mercadoria!” e “Não matem o nosso povo”. Valter, um enfermeiro veterano, segurava uma dessas faixas. Seu rosto, marcado pelo tempo e pelo peso de anos de trabalho árduo, refletia a frustração de quem já havia perdido a fé no sistema.

Valter: (suando enquanto enrolava a faixa em suas mãos trêmulas) “O nosso maior valor é a vida.” Que piada. Se ao menos alguém acreditasse nisso.

Ao seu lado, Mariana, uma jovem técnica de enfermagem, mais nova no serviço público, olhava com curiosidade e desdém. Ela tinha ouvido falar das greves anteriores, mas nunca havia participado ativamente. Para ela, greves eram um espetáculo de insatisfação, mas sabia que nada mudava de verdade.

Mariana: (com um sorriso cínico) E o que você acha que vai acontecer com essa greve, Valter? Eles vão aumentar nossos salários ou só vão nos ignorar como sempre?

Valter: (com um olhar cansado) Nem salário nem respeito, menina. Estamos aqui porque temos que estar, mas o que realmente muda? Amanhã, quando tudo isso acabar, cada um vai aceitar a propina que conseguir, os desfalques vão continuar e a máquina de moer gente também.

O céu acima de suas cabeças estava nublado, refletindo a tensão no ar. As notícias sobre a parceria do Ministério com as agências funerárias haviam saído na semana anterior e, desde então, o ambiente estava mais tóxico do que nunca. Os funcionários se dividiam entre a resignação e a revolta. No entanto, no fundo, muitos deles sabiam que não estavam isentos de

culpa.

Jamal, um funcionário administrativo, observava a greve, da janela de seu escritório, no quinto andar. Ele havia recebido uma oferta tentadora, de uma das funerárias parceiras, para agilizar certos “processos” dentro do ministério. Era uma prática comum — nada demais, dizia-se para si mesmo. Afinal, se o sistema estava podre, por que não tirar sua fatia?

Jamal: (murmurando para si mesmo) Todo mundo sabe que o jogo é esse. Ninguém aqui está realmente lutando por princípios... só pelos próprios bolsos.

Naquele instante, Dr. Santos, o subdiretor financeiro, entrou em sua sala com seu, sorriso traiçoeiro.

Dr. Santos: (rindo) E então, Jamal, ainda assistindo ao espetáculo lá fora? Pobre Valter, sempre idealista. Ele acha que está mudando algo com esses protestos patéticos.

Jamal: (com um sorriso forçado) Pois é, doutor. Mas nós sabemos como o mundo realmente funciona, não é?

Dr. Santos: (aproximando-se da janela) Sabemos, sim. Quem não se adapta é esmagado. E, nesse caso, nós adaptamos até a morte. O que há de errado nisso?

O cinismo de Santos era contagioso, mas Jamal sabia que a maré estava mudando, de forma perigosa. Não era apenas a parceria com as funerárias que estava em jogo — era a essência do que o Ministério deveria representar. O eco das sirenes de ambulância nas ruas, se misturava ao som dos manifestantes, como uma sinfonia macabra, que anunciava o colapso de um sistema.

Em um canto mais isolado, Isabel, uma jornalista investigativa, havia se infiltrado entre os manifestantes. E com eles a população. Todos sabiam que eram clientes das duas instituições. O que devia devolver a saúde,

e o que empacota, no fim da jornada. Há meses ela vinha investigando os contratos entre o Ministério e as funerárias. O que ela descobrira era muito mais sombrio. Ninguém poderia imaginar.

Isabel, enquanto se misturava aos funcionários descontentes, ouvia as conversas, observava as movimentações suspeitas e montava o quebra-cabeça. Não era apenas uma parceria — era um plano deliberado para manter a população doente. Quanto mais doentes, mais mortos. Quanto mais mortos, mais lucro para as funerárias. Era um ciclo de ganância e morte cuidadosamente orquestrado no topo.

Isabel: (pensando consigo mesma) O maior valor é a vida? Que ironia. Eles estão lucrando com a própria destruição.

Ela já tinha provas suficientes para derrubar todo o esquema, mas sabia que precisaria de algo mais — algo que causasse impacto.

No final da tarde, os manifestantes estavam prestes a dispersar, resignados mais uma vez. Os ânimos já não eram tão acalorados, e a realidade de um novo dia de trabalho sob as mesmas condições, parecia inevitável.

De repente, as portas do ministério se abriram bruscamente. Dr. Santos, acompanhado por uma comitiva de advogados e empresários, surgiu com um anúncio inesperado.

Dr. Santos: (com uma voz calculada) Senhores, estamos aqui para anunciar uma grande vitória para o sistema de saúde! A partir de hoje, nossa parceria com as agências funerárias, se expande para incluir um novo programa de “preparação antecipada”. Um serviço pioneiro que garantirá que todas as necessidades de fim de vida sejam tratadas com a mesma eficiência que sempre oferecemos aos vivos.

Os manifestantes pararam, perplexos.

Era como se Dr. Santos estivesse declarando a morte como um serviço essencial e eficiente, à vista de todos, sem o menor pudor.

E então, antes que alguém pudesse reagir, Isabel, a jornalista, subiu em um caixote improvisado e começou a gritar, revelando todas as provas de sua investigação. As conversas gravadas, os documentos assinados, os planos sórdidos para manter as pessoas doentes. Ela tinha exposto o sistema em sua forma mais nua e crua.

Por um momento, o silêncio caiu sobre a multidão. A verdade, brutal e desconcertante, finalmente estava à tona.

Mas então, o inesperado aconteceu: a multidão, em vez de se revoltar, começou a dispersar lentamente. Valter, o enfermeiro idealista, abaixou seu cartaz e minguou.

Valter: (com resignação) No fim, Isabel, ninguém se importa. Estamos todos à venda, de uma forma ou de outra.

Nos bastidores, a corrupção corria solta. Muitos dos funcionários que protestavam de dia, à noite já se encontravam em reuniões silenciosas, aceitando subornos para acelerar ou omitir processos. Medicamentos desviados para farmácias e clínicas, contratos superfaturados, favores trocados. Nada disso era novidade para quem estava ali por tempo suficiente. Os que resistiam às tentações do sistema, eram poucos, e logo aprendiam que o custo da honestidade era a marginalização, em alguns casos, a própria demissão, ou “lá espécie que ne s’adapte à lá terre, meurt” a espécie que não se adapta à terra, morre.

A corrupção já havia consumido a todos. O sistema estava tão enraizado que, mesmo com a verdade exposta, a apatia reinava. Afinal, o maior valor era mesmo a vida?

Ou será que o valor da vida já havia sido negociado há muito tempo?



## Crise sociopolítica em moçambique: Diálogo necessário para reconciliação efectiva e bem social



*Moçambique enfrenta atualmente uma crise sociopolítica que compromete sua estabilidade e o bem-estar de seus cidadãos. Segundo Santos (2018), “o fracasso em institucionalizar mecanismos de reconciliação e inclusão política pode refletir a ausência de vontade política para resolver as questões estruturais do país”. Hanlon (2016) e Castel-Branco (2020), fundamentam que, abordar essas questões não é apenas uma necessidade econômica, mas também uma condição para consolidar a estabilidade política e a democracia no país. Neste texto levanta-se as questões cruciais: é possível encontrar um caminho para a reconciliação em Moçambique? Ou a polarização política representa um obstáculo insuperável acima do bem comum?*

Por: Paulo Vilanculo

As manifestações em Moçambique, inicialmente motivadas por alegações de fraude eleitoral e contestação de resultados, elas transcendiram as disputas políticas, assumindo contornos socioeconômicos ao expressarem o descontentamento popular com desigualdades estruturais, desemprego e exclusão social e refletem problemas mais profundos que afetam a vida cotidiana dos cidadãos, especialmente nas áreas urbanas e periféricas. De acordo com Hanlon (2016), as eleições em Moçambique não são apenas disputas políticas, mas também eventos que amplificam questões sociais e econômicas, como o desemprego juvenil e a exclusão de comunidades rurais. As disputas políticas, a convergência entre crises econômicas e pobreza estrutural, criam um ambiente fértil para protestos, revelando a urgência de reformas que promovam maior inclusão social e distribuição equitativa de recursos.

Apesar de avanços econômicos em certos setores, desafios de desenvolvimento, como o de extração de recursos naturais, as desigualdades sociais e as disputas políticas persistem. As manifestações revelam a estreita ligação entre insatisfação política e demandas econômicas. Como argumenta Chichava (2018), as tensões políticas em Moçambique estão intrinsecamente relacionadas à forma como os recursos econômicos são distribuídos. Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU (2022), mais de 60% da população moçambicana vive abaixo da linha da pobreza, uma realidade agravada pela má distribuição dos recursos gerados

pela exploração de gás natural e outros recursos minerais. A pobreza extrema, a falta de acesso à educação e à saúde comprometem o futuro do país. Os altos níveis de pobreza e desigualdade em Moçambique têm sido apontados como fatores subjacentes que alimentam o descontentamento social. A falta de descentralização efetiva agrava a exclusão das regiões mais pobres, alimentando o descontentamento.

A juventude, que compõe uma parcela significativa da população, enfrenta dificuldades para acessar oportunidades de trabalho, educação e participação econômica, são desigualdades criam tensões sociais e contribuem para o aumento de manifestações em centros urbanos e frequentemente emergem em períodos eleitorais, quando a atenção pública se volta para as promessas não cumpridas pelos líderes políticos. Essas dinâmicas mostram que as manifestações não podem ser compreendidas apenas como reações imediatas aos resultados eleitorais, mas também como expressões de um descontentamento acumulado com a falta de equidade no desenvolvimento econômico e nas políticas públicas.

A crise sociopolítica tem consequências devastadoras para a população moçambicana. De acordo com Nhachote (2020), “a polarização política em Moçambique tem sido alimentada por interesses partidários frequentemente, interesses que se sobrepõem ao bem-estar da população”. Este cenário demonstra como as tensões entre os políticos dificultam a implementação de soluções

para problemas estruturais. Chichava (2021), aponta “a incapacidade dos políticos de estabelecer uma visão comum para Moçambique tem perpetuado um ciclo de sofrimento para os cidadãos mais vulneráveis”. Por outro lado, destaca Machel (2021) que, a percepção de que a elite política se beneficia de recursos públicos, enquanto a maioria luta para sobreviver, é um motor poderoso para mobilizar protestos.

O desafio significativo de diálogo para uma reconciliação política é uma condição essencial para o progresso de Moçambique. Experiências internacionais, como o caso da África do Sul, demonstram que o diálogo inclusivo e a construção de confiança entre diferentes grupos são fundamentais para superar conflitos. Como sugere Fonseca (2022), “a construção de uma paz duradoura e desenvolvimento em Moçambique requer não apenas acordos formais, mas também a implementação de políticas públicas inclusivas que atendam às necessidades da população”. A falta de diálogo efetivo entre políticos tem contribuído para o agravamento da crise. Em Moçambique, é crucial promover espaços de diálogo que envolvam não apenas as lideranças partidárias, mas também a sociedade civil e as comunidades locais.

A crise sociopolítica em Moçambique é um desafio complexo, mas não insuperável. A situação exige um compromisso genuíno das lideranças para priorizar os interesses da sociedade acima das rivalidades partidárias. Moçambique possui um potencial imenso, mas seu futuro de-

pende da capacidade de suas lideranças em superar divisões e trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e inclusiva. A reconciliação política e o compromisso com o bem comum são caminhos necessários para garantir a estabilidade e o desenvolvimento do país.

### Referências Bibliográficas

- Castel-Branco, C. N. (2020). Crises Econômicas e Dívidas Ocultas: O Impacto na Sociedade Moçambicana. Maputo: IESE.
- Chichava, S. (2018). Política e Economia em Moçambique: Dinâmicas Regionais e Nacionais. *Journal of Southern African Studies*, 44(3), 345-363.
- Chichava, S. (2021). Moçambique e os desafios da inclusão política. Maputo: Editora Moçambicana.
- Fonseca, M. (2022). Reconciliação e desenvolvimento: lições para Moçambique. Lisboa: Editora Lusófona.
- Hanlon, J. (2016). *Moçambique: The Struggle Continues*. London: Zed Books.
- Machel, G. (2021). Juventude, Protestos e Transformação Social em Moçambique. Maputo: Fundação para o Desenvolvimento.
- Nhachote, C. (2020). “Polarização política e seus impactos em Moçambique”. *Revista de Estudos Africanos*, vol. 12, n. 3, pp. 45-62.
- ONU (2022). Relatório de Desenvolvimento Humano. Nova York: PNUD.
- Santos, A. (2018). Os limites da paz em Moçambique. Maputo: Centro de Estudos Políticos.





**ACOMPANHE-NOS A PAR E PASSO. ASSINE NO JORNAL PRETO&BRANCO.**



**FICHA TÉCNICA**

Director: Alexandre Mabasso

Design e Maquetização: Julião Tsowo

Colaboradores:

António Maputso

Idrisse Rubane

Afonso Brandão

Luís Munguambe Jr

Laura Banze

E-mail: [jornalopovo@gmail.com](mailto:jornalopovo@gmail.com)

Preço: 50,00 Mt

Assinaturas mensais: Individual-300,00 Mt

Institucional -2,500,00 Mt

Embaixada e ONG's -3,500,00 Mt

Mulotana – Distrito de Boane,

Matola - Moçambique